

CONTOS QUE CONTAM A VIDA: A SOCIOBIODIVERSIDADE DO CERRADO

TALES THAT TELL LIFE: THE SOCIOBIODIVERSITY OF THE CERRADO

CUENTOS QUE CUENTAN LA VIDA: LA SOCIOBIODIVERSIDAD DEL CERRADO

39

EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO

Docente do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA),
da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (GO)
eguimar@hotmail.com

ANA CAROLINA DE OLIVEIRA MARQUES

Docente do Curso de Geografia da Universidade Estadual
de Goiás, Campus Itapuranga (GO)
carol.geografia@hotmail.com

Resumo: Desdobramento do projeto de pesquisa “Desenvolvimento territorial e Sociobiodiversidade: perspectiva para o mundo do Cerrado” (PGPSE/CAPES), as reflexões compartilhadas neste texto questionam as fronteiras entre as expressões literárias, na modalidade micro conto, e a produção do conhecimento científico acerca dos saberes dos povos do Cerrado. Saberes estes, inerentes à existência de sujeitos que vivem no limiar entre a escassez de recursos, a segregação social e a riqueza cultural de um universo – o mundo do Cerrado – que lhes convida a uma vida poética.

Palavras-chave: Literatura, Sociobiodiversidade, Cerrado.

Abstract: Result of the research project "Territorial Development and Social Biodiversity: perspective for the world of the Cerrado" (PGPSE/CAPES), the reflections shared in this text ask the borders between literary expressions, in the little tale modality, and the production of scientific knowledge about the knowledge of the Cerrado peoples. This knowledge is inherent to the existence of subjects that live on the limits between the scarcity of resources, social segregation and the cultural wealth of a universe - the world of the Cerrado - that invites them to a poetic life.

Keywords: Literature, Social Biodiversity, Cerrado.

Resumen: Despliegue del proyecto de investigación “Desarrollo territorial y sociobiodiversidad: perspectiva para el mundo del Cerrado” (PGPSE / CAPES), las reflexiones compartidas en este texto cuestionan los límites entre las expresiones literarias, en el modo micro cuento y la producción de conocimiento científico sobre el conocimiento de los pueblos del Cerrado. Este conocimiento, inherente a la existencia de sujetos que viven en el umbral entre la escasez de recursos, la segregación social y la riqueza cultural de un universo, el mundo del Cerrado, que los invita a una vida poética.

Palabras-clave: Literatura, Sociobiodiversidad, Cerrado.

Introdução

Por meio do projeto de pesquisa “DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SOCIOBIODIVERSIDADE: PERSPECTIVA PARA O MUNDO DO CERRADO¹”, vinculado ao Programa de Apoio à Pós-Graduação e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Desenvolvimento Socioeconômico no Brasil (PGPSE/CAPES), estabeleceu-se um conjunto de atividades cujo foco é a interpretação da sociobiodiversidade do Cerrado. Além do levantamento de fontes informativas de diferentes estirpes, como de dados, documentais, bibliográficas, operou-se o levantamento de fontes literárias.

Percebeu-se que o gênero literário denominado regionalismo realista cruzando com outros estilos, como o realismo fantástico, crônica de costumes, romance histórico, crônica de viagem – e outros – são documentos que apresentam uma multiplicidade de temas e planos. Dentre os temas romanceados encontram-se a forma de moradia; o conflito entre fazendeiros e povos indígenas; a estrutura fundiária, a exploração e a precarização do trabalho camponês; a dominação política e as estratégias de poder da patronagem oligárquica; a relação entre trabalho, saberes e plantas; a dinâmica espacial dos pequenos arraiais; a organização das pequenas cidades; o anedotário popular camponês.

Neste trabalho propor-se-á desenvolver experimentações lítero-geográficas com base na produção de contos. Com a elaboração dos contos, deseja-se aglutinar três campos: a criação estética; a exposição do processo erosivo de vida ocasionado pela modernização conservadora; e a astúcia, a sabedoria e a perspicácia do sertanejo. Os contos elaborados serão materiais paradidáticos que intentam gerar o aquecimento do pensamento criador.

O objetivo do trabalho reside em demonstrar a potência criadora da literatura e sua contribuição à geografia da sociobiodiversidade. O alicerce entre saber e literatura ocorrerá na transformação da metáfora em fonte de interpretação do Cerrado.

Para dar suporte ao trabalho serão consideradas as interlocuções com geógrafos que atuam na interface entre Geografia e Literatura, como Julio Susuki (2016), Eduardo Marandola (2010), Lúcia Helena Gratão (2010) e outros. O tônus espacial de qualquer enredo, a dramatização das situações, o movimento das personagens, as filigranas

¹ Projeto aprovado no edital 42/2014 – PGPSE/CAPES. Coordenação geral: Eguimar Felício Chaveiro.

simbólicas que esposam nos textos literários, comporão o enriquecimento do dizer geográfico – e de seus desígnios: a leitura do sujeito como ente espacial.

Contos que contam a vida: a experimentação criadora

Vale informar ao leitor, de início, que o aporte à literatura como fonte de criação e expressão de dizeres submersos na emoção que quase sempre foge aos métodos convencionais de produção do conhecimento científico, veicula, portanto, uma posição epistemológica. Conforme expressa Susuki, Lima e Chaveiro (2016, p. 9):

[...] este período não é momento de terceirizar o dizer. A procura de uma voz original depende de uma sedimentação epistemológica que se abra ao diálogo, à troca de experiências, às múltiplas linguagens. A Ciência, Literatura e Arte podem formar, nesse campo intercambiante, um corpo valente e úmido. Podem, conforme expressam os artigos que seguem, gerar outras narratividades sob o contributo de relatos de viajantes; interpretação de música; leitura de romances, de poesia.

De acordo com Gomes (2008), Mendonça (2004), Calaça (2010), entre outros, o Cerrado contemporâneo possui uma matriz espacial: o processo de modernização territorial e da agricultura. Esse processo, além de transformá-lo numa nova fronteira econômica nacional, o submeteu aos ditames da geopolítica mundial. Em decorrência disso, a modernização foi incompleta, conservadora e desigual no território. Mas mesmo assim, fez suscitar vários conflitos e várias contradições.

Dentre todas as transformações e contradições uma crucial foi os efeitos criados nos modos de vida dos povos indígenas, dos camponeses e demais sujeitos que viviam no Cerrado. A afirmação territorial do Cerrado como um “celeiro produtivo” custou a erosão de saberes, plantas, símbolos e modos de vida.

Para expressar esta situação criou-se este conto:

Uma flautista debaixo do jacarandá

Não é que tenho muito a dizê pru senhor... sou Maria, Maria Furquia, me chamam assim, benzedeira da comunidade Quebra-Fogo, do interior de Goiás. Vou dizê a senhô as minha pergunta e tamém os meu acontecimento: sou filha da Veia negra, mãe morreu com 180 anos na conta dela, não do calendário. Meu pai é Tombênio Aravulta, veio da asa do norte, nasceu debaixo de uma castanheira. Era muito exibido, mas tinha fé no coração. Deus o tenha!

Minha mãe era benzedeira, puxei essa inclinação dela. Ela só me falou uma coisa na vida: - nunca oiá pru espeio para mode dedicá mais atenção às planta. Quem oia no espeio perde a adivinhação. A sabedoria de Deus tá nas planta, não está nas palavras – minha mãe falô.

Digo pru senhô, benzeção não é palavra, é gorjeio das pranta, é a cantiga da arvre, que toma a nossa boca e cria os desígnios do mistério. As planta purifica – isso é toda a minha filosofia. Essa é a minha reza. Esse é o milagre da benzeção.

Não adianta ocê estudá e aprendê o que, até tá certo, mas não basta: sim senhô, os livros tá certo, mas num basta: as arvre purifica o ar, produz o oxigênio – é assim que fala? – as arvre puxa a água da chuva e guarda ela no chão, batiza os interior da terra do fundo no fundo dos tempo, a raiz segura a arvre como se fosse pé de gente, a raiz...a raiz ela dá comida pro chão, ensina que uma coisa alimenta a outra, é a vida...As arvre entende o sol, entende a chuva...É feita pra combinação.

Todo mundo tem um quebranto, tem a energia ruim que vem do mundo. Isso gera uma febrona, quase ninguém sabe que tem, mas tem. Num tem gente totalmente sadio, num tem não. Se tem doença no mundo tem doença na pessoa. Mas no mundo há apenas duas pragas: a que vem da carne e a que vem da palavra. Uma palavra ruim adoece o Outro, adoece o pensamento daquele que fala, palavra é energia – pois que aprendi. Palavra é igual lamparina, pode alumia; e é igual a dinamite, pode ferir. A benzeção muda a energia da palavra, a palavra muda a energia da carne, aí vem a cura. Mas ninguém cura ninguém, o que cura é a vontade de curá. Benzeção é a água da vontade de curá. A vontade é uma força, sem a força o rio num chega no mar...sem a força o mar num chega no continente...sem a força o continente não se move...

Na benzeção é preciso da pranta invocá a sua benquerência. A benquerência da planta vem do céu e do chão, vem da chuva e do ar, vem do passado mais antigo da criação do mundo. Vem da raiz. Ocê sabe quando nasceu o primeiro pé de Jacarandá? Vem do tempo grande...tempo é o nome que falamos sem sabê o que todos sabe e sem sabê compreendemos o que não podemos falá; é uma compreensão dos arrepios e dos sinais do mundo que anda no ombro do vento.

O começo da vida tem presença em toda arvre, em todo o fruto, em toda a sombra, em toda a resina, na voz serena e na canturia do murici, no cheiro do pequi, no mistério da arruda...

Eu num sei benzê, nunca aprendi cum ninguém. Eu só entendi o silêncio da Mãe, herdei o seu silêncio, herdei os olhos de Mãe. A mãe herdou de sua mãe, a minha vó, que herdou da minha bisavó. É uma corrente como tudo: o céu, o ar, a terra, a água, a arvore, a palavra... Benzeção é corrente, eu junto as peças do céu e do chão cum a força das pranta na mão...

Quando tô triste e alguma coisa me toca o coração dizendo sem palavra que tem energia ruim, eu vou para debaixo daquele jacarandá e toco a minha flauta, feita de bambu (CHAVEIRO, 2017).

O conto mostra inicialmente os vínculos entre o povo do interior e sua ligação com as plantas; refere-se também ao modo como o conhecimento era transmitido no seio das gerações e o sentimento religioso que atravessa a ligação com a natureza.

Embora de maneira simples e apenas sugestionada, a tentativa de explicar a benzeção sem querer defini-la por inteiro, já que se trata do mistério, revela o metabolismo entre componentes da natureza e a ação humana. Especificamente enfatiza a troca de matéria e energia. Sugere, também, interrogações de cunho filosófico: qual é o tempo que uma planta passou a vigorar?

A dimensão do tempo, na leitura do Cerrado pela perspectiva do conceito de Bioma, é uma das chaves para uma crítica ao processo de modernização, pois o tempo de maturação e de equilíbrio dinâmico das espécies contrasta com o tempo acelerado das máquinas e dos objetivos capitalistas de usarem o solo apenas com fito economicista.

Outro conto foi constituído para mostrar os efeitos da modernização na vida dos povos indígenas. E também para despertar uma atenção consoante às pressões imputadas aos territórios materiais e simbólicos dos povos indígenas, arrebatando, inclusive, a figura do pagé.

O velho pagé

Nas tardes úmidas do Xingu o velho Pagé Kwindoá replicava aos mais novos: 'tenho dois olhos, um para as coisas do espírito, esse olho vê o que não enxergo. É um olho para sentir aqui e para atravessar o tempo; para apalpar a lua e deslocar a ruindade que me habita para a luz, ela ilumina e apaga. A luz para existir tem dentro outra luz, é essa luz de dentro que faz a luz de fora curar. O que faço é isso: procurar o dentro da luz...

Com o outro olho eu miro a aldeia, estou vendo as coisas acontecerem, o cacique perdendo a força, os jovens alcoolizados, as mulheres com rosto eterno nos espelhos, pouca caça, pouca pesca, quase nem se brinca, e não se dança o Kuarup, abandonaram o maracá, não se planta cabaça, nem se colhe semente de Jatobá; o tratar devora a floresta, as lavouras chegam perto e trazem o veneno da vida, árvores caem gemendo ao chão cheio de sangue...Esse olho vê o mundo chegando, vem do outro lado do rio, traz estrondos que não se escuta, traz peste que não se sente, traz a lâmina ardente que faz cegar o primeiro olho...'

De cócoras o Pagé Kwindoá não se mostrava triste, nem alegre, contudo experimentava o silêncio em longas tardes e noites como se precisasse o futuro... o silêncio era a sua arte, o meio de pacificar-se e compreender a flauta do vento, a luz da luz.

Às vezes o velho pagé apenas balbuciava o cenho fazendo as sobranceiras cansadas acompanharem a batida de um pica-pau. Muitas vezes cochilava com o cachimbo enlameado de baba cheirosa de araticum. Ocorria de fitar o orvalho auroral como se visse nele uma saída para a dor de seu povo. Nos cochilos emanava-lhe ao cheiro de assa-peixe e do Araçá. E perscrutando o orvalho fazia interrogações precisas: como o orvalho fazia para equilibrar-se na ponta da folha? A sua queda era uma premonição ou um gesto de força?

Sentia-se vozes na pele arrepiada, e sabia que o pior já tinha vindo: não era desrespeitado, mas não tinha os créditos que lhe pusesse a acender a força de seu espírito diante dos males crescentes na aldeia. Ele mesmo, o velho Pagé, precisava ser curado, de tanto sofrer com o que via no povo internalizara as doenças do seu próprio medo. Nas tardes intentava golpear o medo, olhava andorinhas para adquirir as forças atmosféricas. Essas andorinhas sobrevoam o vácuo com perene elegância, não temem as rajadas açoitadas do vento noroeste...

Pensou fugir da aldeia e nunca mais voltar, talvez Ele fosse o mal de todos. Mas se procedesse assim seria castigado, sua função era zelar do espírito de seu povo, ouviu isso em Criança. Um destino. Uma sentença. A sua caminhada. Tinha um pacto com a terra, aprendera, muito cedo, a ouvir a mensagem da terra. E não sabia decifrar o que sabia ouvir, não era murmúrio, canto, palavras. Quem ouve a terra não pode perder o condão de fecundar. Era mais que um entendimento, era uma lição.

Resolveu então organizar-se para ouvir o conselho do espírito da terra. Para isso ficaria três dias comendo ervas e bebendo água de chuva colhida para fins de cura. Investido numa imensa paz ouviu a palpitação: “vá Pagé, veja o que há no fundo do Rio, no assoalho do Xingu há todas as lições da terra”.

- Poderia acreditar no espírito da terra? E se nunca mais voltasse do fundo infinito do rio? E se a voz ouvida ou pressentida, escutada sem ouvidos, fosse apenas o retrato de seu desespero? Estaria louco?

Não cedeu à desesperança, apenas conteve-se no silêncio alongado e perfumado trazido pelo vento engolfado de nuvens boas. Uma paz de nuvens haveria de lhe serenar.

Por vinte dias estive no assoalho do rio Xingu, ninguém sabe o que viu, ouviu, leu e interpretou. Jamais alguém saberá, o velho Pagé possui dons secretos, possui palavras secretas. Voltou do fundo do rio com cores vivas no rosto e com gestos esperançosos nos músculos, o seu olhar tinha a beleza canora e a sua tez inclinava-se entre cores de tocos antigos e dos animais da floresta. Com a alma sã tinha readquirido a coragem para enfrentar os problemas juntamente com o seu povo. Não quis decifrar todas as páginas do destino, mas compreender o próprio mistério: tudo lhe era simples. O urro do tratar não iria arrebatrar a floresta, o veneno não poderia sangrar o rio, os passarinhos haveriam de voltar... O velho Pagé convocou todos à dança, à festa, os animais de estimação, os passarinhos no cume das árvores, inclusive o vento que assoviava o retrato da paisagem do rio. Pediu um abraço fraterno das crianças num círculo centrado na aldeia, precisava dispor-se à guerra (CHAVEIRO, 2017).

Árvores sendo derrubadas, animais extintos, ronco de tratores, adoecimento de crianças na aldeia, alcoolismo entre jovens, brigas e descrenças na própria fé são a ordem de enfrentamento do velho Pagé do Xingu. Com um olho ligado ao mundo objetivo de seu povo e outro olho ligado ao espírito milagroso da terra, o conto mostra que os efeitos da modernização incidem – sub-repticiamente – no modo de vida dos povos indígenas do Cerrado. Esse processo foi explicado por Calaça (2010, p. 21):

No que se refere ao Cerrado verifica-se, de um lado, o uso da diversidade biológica e a apropriação do conhecimento como base para a produção de novas variedades de plantas e animais adaptados às condições edafoclimáticas da Região Centro Oeste, objetivando a viabilidade técnica, o retorno econômico e a adequação à demanda do mercado.

Em outras palavras, poder-se-ia dizer que esses efeitos alteram não apenas o território, a bio e a sociodiversidade, mas a estabilidade emocional, o longo legado de saberes. A produção de alimentos em infinitas monoculturas, o envenenamento dos alimentos e das águas, a ânsia da produtividade e a rendição da terra às estratégias economicistas, destroem a vida e a alma indígenas. E não há outra forma de enfrentar a situação – conforme conta o conto – que não a consciência coletiva dos que sofrem e a sua força para enfrentar os destruidores.

Considerações finais

Benedores e benedoras, curandeiros, pagés, garrafeiros, são sujeitos do mundo do Cerrado que procuram em palavras, no silêncio, nas águas, na luz e nas plantas, formas de sanear as pragas que geram desesperos, dores, exílios simbólicos e culturais.

As narrativas encantadas de camponeses, povos indígenas e também de migrantes originários do campo, recuperadas pela literatura regionalista de cunho realista ou mágico, oferecem boas pistas para ler os gradientes simbólicos desse povo.

Inspirado nessa literatura – e com o desejo de compreender a sociobiodiversidade do Cerrado – foram elaborados dois contos. A junção de criação estética e propósitos críticos exigiu uma atenção ao processo de modernização do território e da agricultura do Cerrado. Esse processo deflagrou um repertório necrófilo de redução de animais, plantas e de envenenamento de águas, solos e ar.

Isso abalou os ritos, os regimes de crenças, os modos de vida criando uma espécie de desespero e de desamparo na vida de camponeses e povos indígenas. Paisagens e ambientes sombrios aturdem a vida total de crianças, jovens e pessoas idosas. Nem mesmos as reservas e os territórios indígenas estão salvos dos rancos economicistas que repercutem nas terras do Cerrado.

Arte da palavra inventada, sítio de imagens e metáforas, a criação literária é uma forma de conhecimento; é também uma maneira de combater os regimes duros do dizer acadêmico e de procurar outros repertórios narrativos. Os contos que contam a vida do Cerrado abrem portas para outras aventuras. Fundados no comprometimento de transformar a dimensão simbólica num dispositivo da ação política, esses contos são espécies de causos sedimentados no labor gráfico.

Referências

CALAÇA, M. Territorialização do capital: biotecnologia, biodiversidade e seus impactos no Cerrado. **Revista Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 18-35, 2010.

CARTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM DEFESA DA VIDA, Rio de Janeiro, 2015.

GOMES, H. (Coord.). **Universo do Cerrado**. Goiânia: EdUCG, 2008.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boi Tempo, 2011.

MARANDOLA JUNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EdUEL, 2010.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura do capital e do trabalho no capital do sudoeste goiano**. 2004. 458 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

SUZUKI, J. C., LIMA, A. P., CHAVEIRO, E. F. **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.